

A arte brasileira que a Europa vai ver

Uma exposição de vinte artistas plásticos vai representar o País em seis capitais europeias — e os paulistanos podem vê-la até domingo

A mostra itinerante "A Cor e o Desenho do Brasil", que se inaugura hoje às 20 horas no Museu de Arte Moderna-MAM, no Parque do Ibirapuera, e termina domingo, é o resultado de um trabalho bastante intenso e fruto da aplicação de algumas normas e princípios que, segundo seus organizadores, "deviam presidir a todas as manifestações culturais em nosso País".

A mostra (três horas de cada um de vinte artistas) e o piloto do que será exposto em seis capitais europeias, Paris, Londres, Roma, Haia, Madrid e Lisboa, durante o próximo ano e parte de 88. Ela inclui dez pintores (a cor) e dez desenhistas (o desenho), escolhidos após demorado estudo por uma comissão de conhecedores críticos de arte e artistas, e abrange a publicação de um catálogo, uma "gazette" (um catálogo suíço), cartazes, um vídeo, um áudio, uma trilha sonora, a exibição do logotipo da mostra (criado por Mauro Ivañ) e do logotipo (estado de Ricardo van Steen) da entidade que realizou o projeto, o Centro Brasileiro de Projetos de Arte.

A ideia de organizar uma mostra-gênera da arte brasileira no Exterior ocorreu a Rádha Abramo, crítica de arte debruçada há anos na Europa, onde viveu até o início deste ano em Londres e Paris, e ela notou que grande parte das exposições de arte brasileira em outros países não obedeciam a critérios coerentes ou a uma política cultural, sendo fruto de iniciativas de outros próprios artistas ou do acaso e do clientelismo político. Assim, a ideia formada no Primeiro Mundo sobre a arte brasileira não é apenas caótica, como errática e incompleta, o que é agravado por boa parte das escolhas de artistas brasileiros em mostras internacionais, escorrelhas, onde prevalece o critério da similitude com a arte cosmopolita e não com o que se faz aqui, diz Rádha Abramo.

Ela preparou então um projeto e o levou ao embaixador Alberto da Costa e Silva, diretor do Departamento de Difusão Cultural do Itamarati, que o considerou válido e o deu apoio. A Petrobrás deu o apoio material para viabilizar as etapas de trabalho e para a confecção do cartaz, de um jornal, etc. Várias outras empresas, particulares, e entidades, como a Fundação Itaú, a Yagiz, os cursos Diogenes, a Mikson, etc., deram seu apoio. Outras iniciativas a cargo do Centro Brasileiro de Projetos de Arte-CPBA se seguirão. O CPBA obteve o apoio da App-As-

sociação Profissional de Artistas Plásticos de São Paulo, presidida pelo conhecido pintor Aldir Mendes de Souza.

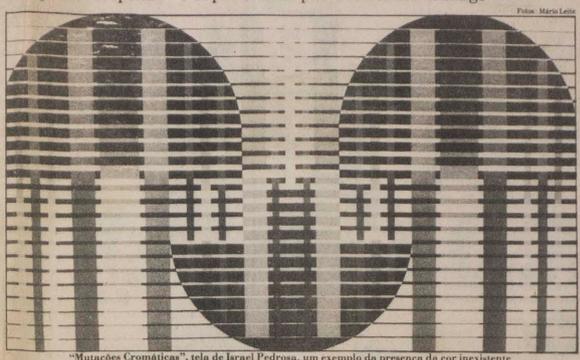
Os artistas escolhidos para esta primeira mostra itinerante de arte brasileira são Aldemir Martins, Alex Flemming, Amar de Castro, Cângelo Lanelli, Carlos Prado, Evandro Carlos Jardim, Faysa Ostrower, Glauco Pinto Moraes, Guimã, Isabel de Jesus, Israel Pedrosa, Ivaldo Granato José Zaragoza, Lothar Charoux, Marcelo Grassmann, Maria de Leontina, Miguel dos Santos, Siron Franco, Ubirajara Ribeiro e Wilma Martins.

Eles foram escolhidos em fins do ano passado por uma comissão de críticos de arte e artistas composta de Rádha Abramo, Fábio Magalhães, Jacob Klintowitz, Cildo de Oliveira, Isela Leal Ferreira e Sophia Tassinari.

De acordo com o projeto, executado "quase cem por cento", segundo Lucia Py, coordenadora, e Sophia Tassinari, ambas da diretoria do CPBA, os artistas foram escolhidos como amostragem do emprego da cor, sentimento, a criação e do uso do desenho (a racionalidade), sem qualquer outra preocupação. Esses vinte artistas apresentam um trabalho que mostra o que se faz no Brasil. E os artistas vêm do Brasil inteiro e não apenas do eixo Rio-São Paulo.

Um grande número de profissionais, que seria longo enumerar, participa voluntariamente do trabalho, diz Roberto Pereira Leite, secretário do CPBA. Os organizadores dessa mostra itinerante vêem nisso o triunfo de uma ideia básica, que é a de mostrar o que somos e o que fazemos realmente, a um público europeu habituado ao existismo artístico e vitado nos protótipos preestabelecidos.

E também, segundo assinala Amelia Botelho de Souza Aranha, presidente do CPBA, uma amostragem feita "por críticos e artistas", "sem sectarismos", como nota o embaixador Alberto da Costa e Silva na apresentação que consta do catálogo trilingue, e "sem neopositivismos ou formalismos", como sublinha Fernando Silva, do CPBA. J.P.



"Mutações Cromáticas", tela de Israel Pedrosa, um exemplo da presença da cor inexistente

Ficam de fora nomes representativos

Alguém poderá observar, visitando a mostra "A Cor e o Desenho do Brasil", a ausência de nomes representativos da arte contemporânea brasileira, de Volpi a Rubem Valentim, passando por Tomie Ohtake, Mira Schendel etc. Afinal, que critérios determinaram a escolha dos vinte artistas plásticos que estarão, a partir do próximo mês, representando o Brasil em Paris, Roma, Madrid, Londres, Haia e Lisboa?

Não fosse a pergunta até certo ponto impertinente, por encerrar em seu conteúdo a necessidade de "outro critério" (também subjetivo, por se tratar de uma seleção de linguagens), responderia a comissão de seleção que novas mostras itinerantes serão providas, a partir desta "A Cor e o Desenho do Brasil".

Ao menos é o que pretende o projeto itinerante idealizado pela crítica Rádha Abramo e copiado, há alguns meses, sem menor constrangimento, por uma determinada associação paulista ligada a museus, que aproveitando-se da ideia original, enviou às mesmas capitais europeias obras de outros artistas (de Volpi, inclusive).

Uma coisa é certa: todos os

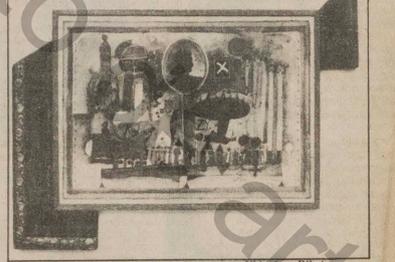
sessenta trabalhos selecionados têm a marca da diversidade. A começar por Lothar Charoux, cuja trajetória inclui rápido namoro com o expressionismo e um comentário sério com o concretismo, duas décadas atrás, Charoux comparece com três composições de absoluta rigidez geométrica, ao lado de Arcângelo Lanelli, um construtivista por vocação e pertencente à mesma geração, aquela que nos anos 60 demonstrava nítida influência dos cubistas e expressionistas e descobriu, posteriormente, seus próprios caminhos, enveredando pelo abstracionismo. Israel Pedrosa, que pertence igualmente a essa geração, radicalizou sua procura e criou o que, até hoje, muitos críticos costumam a ver, ou seja, a "cor inexistente" que aparece em seus quadros, "em zonas desprovidas de qualquer pigmento".

Se a preocupação de Pedrosa é a cor, no caso de Amílcar de Castro a forma é fundamental em suas obras. A liberdade do traço caracteriza um trabalho de indiscutível rigor estético, o que não se aplica às telas de Ivaldo Granato, onde o alagatório e a certa predominância. Em Granato há sempre uma correspondência cos-

mológica com os movimentos de vanguarda internacional, flutuando entre o neo-expressionismo (um rótulo sem precisão terminológica) e a transvanguardia (idem). Ou, se preferirmos outro rótulo, o "descontorno gestual".

Da chamada novíssima geração comparece Alex Flemming, com telas gigantescas em que reproduz, por meio da serigrafia fotográfica, detalhes anatomicos em composições quase abstratas. Através de outros nomes, Maria Ceila de Moraes, que começou a pintar em 1968, transformando máquinas (sua fixação temática é a ferrovia) em grandes painéis semi-abstratos.

Mas, ao lado de sofisticados criadores, foram incluídos trabalhos ingênuos de Isabel de Jesus, as personagens místicas afro-brasileiras de Miguel dos Santos, um triptico figurativo explosivamente colorido de Siron Franco, os protagonistas do cotidiano nordestino retratados por Aldemir Martins e as delicadíssimas aquarelas de Faysa Ostrower. Todos os dias serão projetados vídeos (às 15h30 e às 17 horas) sobre a obra desses e dos restantes artistas. A.G.F.



"RO-ZY", aquarela sobre papel do pintor Ubirajara Ribeiro

mesa

Sugestão da libertária San Marino

SILVIO LANCELOTTI

Do grupo de articulados da Folha

São 1.740 anos antes de puríssima democracia. Na única entrada do país — sim, porque a República de San Marino, o primeiro Estado do mundo a obter um acesso ao — um distrito orgulhoso saúda com imponência a chegada dos visitantes. "Esta é a antiga terra da Liberdade".

Verdade, sem qualquer demagogia. Fundada por um escultor cristão e seus companheiros de fé, todos perseguidos pelos soldados do imperador Diocleciano, San Marino nasceu no Nordeste da Itália, nas redondezas de Rimini e Ravenna, bem na crista de um monte espetacular, o Titano, que sobe abruptamente da planície e brota através de rochas escarpadas, a mais de quatrocentos metros de altitude. O escultor, de nome Marino, posteriormente santificado, logo esculpiu sua montanha num ímpetu messianico, o cume do monte Titano. E San Marino passou a acolher, já nos seus começos, os exilados da Itália de fora de lei.

O sistema de governo foi sempre a democracia participativa. Documentos seculares demonstram que desde 1244, por exemplo, comandam a República dois capitães-regentes com seus meses de mandato. Não existem eleições.

Em cada 9 de outubro os capitães entregam o poder a seus sucessores, eleitos por um Parlamento de sessenta membros. Sem rixas, sem tentativas de golpe de Estado.

A cerimônia de troca de guarda é comovedora, magistral. Depois de desamassados, os capitães que sairão sentam-se numa espécie de palanque, quem diria, na praça da Liberdade, ao ar livre, num dos picos da República. Prometeis sobre nas três elevadíssimas torres do lugar, a Guaita, a Cesta e o Montale. É a população tem o direito de submeter críticas e criticar a administração que se foi. Todas as eventuais denúncias são investigadas; os culpados, punidos.

San Marino não possui um Exército. Não precisa. Inclusive porque o acesso aos seus picos é praticamente impossível. Nem a musarda de Napoleão conseguiu tomar San Marino a sua gente. Policia? Alguns guardas de trânsito e um punhado de voluntários são suficientes na missão formal de ordenar a vida na região. Uma missão, repetei, formal. Em San Marino praticamente não se cometem crimes. Há meros furtos, praticados por estrangeiros. O único homicídio, passional, a vingança de uma traição matrimonial, ocorreu em 1972.

São apenas 41 quilômetros quadrados de superfície, 22 mil habitantes que vivem de minúsculas mas produtivas fazendas encarpadas nas encostas do Titano. Ou que vivem da formidável produção de selos e moedas e suas respectivas por sua beleza, por sua qualidade, pelos colecionadores de todo o planeta. Ou que vivem da turismo. São neste verão, San Marino recebeu mais de 3,5 milhões de visitantes em busca de seus souvenirs e da visão inesquecível que o vermelho e o topo das três torres; o mar Adriático, toda a costa dálmatina, o vale do Rubicão, mil verdes deferentes durante o dia e o céu vermelho e violeta que inspirou os filmes de Federico Fellini — filho de Rimini, um nativo daqueles plagas inguiváveis.

Passou quase uma semana de minha viagem recente em San Marino. E posso assegurar que, além do banho de liberdade, além das paisagens maravilhosas, há destruído em companhia do conde Giuseppe Lanterno di Montepulo, cônsul honorário da República aqui em São Paulo, cartões-pós de nível internacional.

Meu destaque: o restaurante La Taverna dei Righi.

Muito apropriadamente, o Righi é trinito à estútia da Liberdade, ao lado da Domus Magna Communis, a sede do governo municipal. Para um pre aberta aos cidadãos. Por uma

questão de facilidade, o Righi oferece menus compactamente turísticos a seus frequentadores. Pratos frios na entrada: presuntos crus e cozidos, múltiplos salames, vários queijos, alices e tomates fresquíssimos e luminosos. Lassage ou penne, dentro as massas. Costeletas de vitela, frango frito, lombos ou milanesas, dentro os queijos. Frutas, sorvetes e doces na sobremesa. Tive prazer, todavia, de experimentar ao menos uma iguaria caracteristicamente sammarinese, pedida dos iniciados, cuja receita público a seguir.

Strangolaprete dei Righi

Ingredientes, para seis pessoas: 600 gramas de farinha de trigo, 4 gemas de ovos, alguns ramos de espinafre, água fresca. Sal.

Modo de fazer: Cozinhe o espinafre até ficar apenas suficiente para cobrir sua folha. Passo tudo numa peneira bem fina. Faça um vulcão com a farinha. Incorpore os ovos e o sal. Deixar descansar por 15 minutos. Unte o cozimento do espinafre já peneirado. Amalgame bem a massa. Deixe que descanse por 15 minutos. Então, abra a massa, delicadamente, de modo que fique com uns três milímetros de espessura. Com uma boa faca, faça a massa em cordões finos de uns quinze centímetros de comprimento e uns três de largura. Unte cuidadosamente, enrolando cada cordão de maneira a dar-lhe o desenho de uma corda — de propósito, irregular. Afinal, o nome da pasta significa enroscado. Quando molho e combina com a strangolaprete. Meu amigo Piervanni Righi o dono, no entanto preparou-me um sugo bem grosso de tomates, carne de vitela e linguiça caseiríssima de porco. Detalhe: a massa tem de ser cozida em água levemente salgada, em ebulição, e por somente quatro ou cinco minutos.

Na sexta-feira falei dos restaurantes de Carrara, Florença, Torino e Milão, os que faltam para completar meu périplo peninsular.

Dropes

Na última sexta-feira a juíza da 11ª Vara Federal do Rio de Janeiro, Tânia de Melo Bastos Heine, comunicou ao Concílio — Conselho Nacional de Cinema a revogação das liminares que garantiam a três empresas excludoras o não recolhimento de importâncias devidas pela exibição de filmes de curta metragem.

O plantão soviético Vladimir Horowitz, a quem Sergei Rajmaninov elogiou pessoalmente pela interpretação de seus concertos, completou 90 anos de idade em Nova York, onde vive desde 1928.

* A prefeitura do Rio de Janeiro afinal liberou as obras do festival "Rock Rio" e os trabalhos recomagem hoje, em ritmo que permita a recuperação dos dias de atrazo.

Em via de solução a disputa iniciada há quase dois anos entre o maestro Herbert von Karajan e a Orquestra Filarmônica de Berlim (Cidade) da qual é diretor titular, uma declaração conjunta, após pro-

longada reunião poucas horas antes do primeiro concerto da temporada, afirma que todos concordaram em "empreender um novo começo".

* O escritor paraguaio Augusto Roa Bastos, o cineasta argentino Fernando Fernán-Gomez e o escritor irlandês Ian Gibson estão entre as 5.353 pessoas às quais foram concedidas a nacionalidade espanhola.

* O pintor sueco Hilding Linqvist, mestre do realismo, morreu ontem, aos 93 anos de idade, em sua casa em Estocolmo. Diversas obras suas estão em museus da Escandinávia. Alemanha Ocidental, França e Estados Unidos.

* "Oha Oba 84" é o nome do espetáculo que será apresentado próximo dia 11 no teatro Sistina, em Roma, com um letrado de música e dança popular brasileira. Abre o show a cantora Eliana Estevão. A direção é de músicos de Chico, Milton e Caetano.



Obras de Odrizola, Jesus Fuertes, Agustín Ibañ e Pedro Tort na mostra "Hispanidad 84"

A cultura espanhola está na cidade

NEIDE MARTINS

Do nosso equipe de reportagem

A inauguração de uma exposição de 38 quadros e 9 esculturas de artistas hispanicos abriu ontem, às 20 horas, no Banco Exterior de Espanha, a "Hispanidad 84", evento que comemora a descoberta da América e que se estenderá até o dia 21 deste mês com uma série de atividades culturais e sociais. Estiveram presentes o embaixador espanhol Miguel de Aldasoro, o cônsul espanhol no Brasil José Riera Siquier, professores do departamento de Língua Espanhola da USP e representantes da Câmara de Comércio Espanhola no Brasil.

O evento foi organizado por um comitê integrado por todos os orga-

nismos e entidades espanhóis em São Paulo, e coordenado por Carlos M. Garcia. Lembrando o espírito de solidariedade da rainha espanhola Isabel, a Católica, que norteou a descoberta da América, o diretor do Colégio Miguel de Cervantes, Licínio Miguel Serrano alertou que "Hispanidad 84 será uma grande festa de solidariedade entre espanhóis, brasileiros e latino-americanos".

Da ampla programação de Hispanidad 84, merece destaque a mostra de pintura barroca espanhola, que fica aberta ao público de hoje a 9 de outubro na Faculdade Ibero-Americana, e o ciclo de cinema espanhol que será exibido no Masp—Museu de Arte de São Paulo, de 6 a 9 de outubro, com 3 filmes no total, sendo duas obras de Carlos Saura ("Ma-

mãe faz 100 Anos" e "Cria Cuervos") e duas de Luis Bunel ("Tristana" e "Estranho Caminho de Santiago").

A programação musical tem início amanhã no Centro Cultural São Paulo, com "Canto a 5 Mares". A noite, em casa de Isaac Albeniz, será apresentada no Masp, dia 11 às 21 horas, por doze pianistas. E termina com um concerto de piano a cargo da prof. Maria Cecilia Pacheco Schnetzler, dia 17 na Faculdade Ibero-Americana.

Professores do departamento de Língua Espanhola da USP falarão sobre temas que abrangem desde a inquisição espanhola até a identificação do espírito de hispanidade. Todas as conferências serão proferidas na Faculdade Ibero-Americana, a partir de amanhã e até o dia 10.

Audiovisual na Folha

Hungria, um país sem publicidade

Os habitantes de Budapeste estão bastante ocidentizados, há há roqueiros e praticantes da dança aeróbica. Mas nos pequenos povoados húngaros se mantém as danças folclóricas seculares. Quilômetros de jovens da capital têm muito orgulho da cultura milenar do país. Foi o que se pôde ver no audiovisual "Hungria: dos Urais ao Danúbio", exibido sexta-feira na Folha.

O documentário, de autoria do fotógrafo Peter Mikó, busca o fio de húngaros, com coprodução de Roberto Falstori, mostrou ainda cenas da indústria e da agricultura da Hungria. A diferença marcante entre Budapeste e uma capital ocidental é que lá não se vêem cartazes de publicidade.

Neste Natal, não seja original.

Muitos presentes são bonitinhos, mas não práticos. Já pensou, por exemplo, em ganhar um ornamento para a árvore de Natal? E por essas e por outras que o melhor presente para seus clientes e funcionários acaba sendo justamente aquele que eles já esperam receber.

Os produtos Bauducco: Panetone, Chocotone e Cestas de Natal.

Bauducco

Rua Estreito, 919
Jardim Paulista, 349
Tel.: 011-208-0122
Fax: 011-208-0122
Box N° 011/3269 BARR. DR.

Ofereça produtos Bauducco